

USOS ALTERNADOS EM TERRITÓRIOS INTERSTICIAIS NA METRÓPOLE: O CASO “AUTORAMA” EM SÃO PAULO*

*Giorgio L. Momesso***

Resumo: O presente artigo visa expor as características de um lugar peculiar na cidade de São Paulo a partir da descrição dos usos alternados recorrentes nessa localidade e com base nas seguintes questões: por que determinados grupos recorrem a determinados espaços como local de socialização e a quais possíveis padrões esse processo corresponde? Ou seja, o que se pretende é compreender o fenômeno segundo a perspectiva de um comportamento de grupo associado a um quadro de valores e em relação ao local escolhido como ponto de encontro. Para isso, foram adotados alguns conceitos próprios da Escola de Chicago de Sociologia, tais como os de estrutura urbana, ecologia humana e região moral, além de outros apropriados ao tratamento do tema sem esquecer o caráter essencialmente etnográfico descritivo do estudo adiante apresentado.

Palavras-chave: Estudos urbanos. Pesquisa empírica. Escola de Chicago. Territórios marginais. Espaço, identidade e territorialização.

Abstract: The present article aims to display the characteristics of a peculiar place in the city of São Paulo based on the description of the recurrent alternative uses in this locality and to answer the following questions: why determined groups appeal for definitive spaces as local of socialization and to which possible standards this process corresponds? That is, what is intended is to understand the phenomenon under the perspective of the behavior of a group associated with a picture of values and in relation to the chosen place as meeting point. For this, some proper concepts of the Sociological School of Chicago have been adopted, such as those of urban structure, human ecology and moral region, beyond other ones appropriated to the treatment of the subject without forgetting the essentially ethnographic and descriptive character of this study.

Keywords: Urban studies. Empirical research. School of Chicago. Marginal territories. Space and identity.

* Comunicação apresentada no 35º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos, Sessão de Comunicações de Pesquisa XV: Questões Urbanas – II, sob o título: “Autorama, causas e circunstâncias na apropriação de um espaço urbano”, 16/05/2008.

** Orientando do Prof. Dr. Mário A. Eufrazio e pertencente ao Grupo de Seminários: sociologia Urbana – FFLCH-USP/CERU.

INTRODUÇÃO

Numa grande metrópole como São Paulo pode-se destacar do contexto cotidiano certas singularidades que fogem ao olhar trivial do cidadão distraído e apressado; tais singularidades ou idiossincrasias – entendidas aqui como características morais e comportamentais peculiares a determinados grupos em relação à apropriação de certos espaços urbanos – são para o presente estudo o ponto de partida necessário a um exercício de observação de campo e verificação empírica de esquemas teóricos.

O que se pretende destacar e compreender são os processos inerentes à constituição de um espaço ou território dentro dos interstícios físicos e culturais de uma grande cidade. O que interessa, em princípio, são aqueles espaços destinados e reservados para determinados usos e grupos e que, no entanto, acabaram servindo – separados ou acoplados ao seu desígnio original – ao proveito de outro grupo qualquer, inicialmente não previsto ou não desejado como usufrutuário. Existem áreas dentro da cidade que independentemente de seus respectivos projetos oficiais servem a grupos que as subvertem, adotando normas, condutas, valores e atitudes muitas vezes opostos aos esperados.

Em São Paulo, podem-se citar ao menos dois exemplos factuais: a zona de meretrício que se estende pela Rua Augusta desde as imediações da Avenida Paulista até as proximidades do Bairro Bela Vista, algo que certamente não fazia parte de qualquer plano urbanístico para essa região, e o tráfico e consumo de drogas a céu aberto – na chamada *cracolândia* – nas redondezas das Estações Luz e Júlio Prestes, outro uso do espaço urbano público também não esperado ou desejado pela vizinhança ou pela Prefeitura da cidade. Observando as “franjas” que separam um espaço ou território de outros, o pesquisador, por vezes, se surpreende ao perceber que ruas, calçadas, praças e estacionamentos que, mormente existirem para fins respectivos, em alguns casos, cede lugar a outro uso – controverso, marginal, extraordinário e até mesmo ilegal.

Como local de observação de uma investigação preliminar, tomar-se-á como exemplo o estacionamento do Parque Ibirapuera que fica ao lado do prédio da Bienal e que à noite é conhecido como *autorama*.¹ Quanto a seus frequentadores, por ora, pode-se considerar provisoriamente que se trata de um conjunto relativamente homogêneo de indivíduos com interesses e expectativas em comum, que utilizam o espaço apenas à noite e que têm na homossexualidade sua principal característica aglutinante.

¹ Conforme o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa/2001 a acepção do termo ‘autorama’ é a seguinte: *miniatura de pista automobilística para corridas de carros de brinquedo*. Certamente, o nome alude à constante circulação de veículos no interior do estacionamento durante o período de tempo em que o mesmo serve de espaço de socialização entre seus frequentadores noturnos.

Cabe destacar que não se trata de identificar as razões psicossociais das pessoas que freqüentam o lugar, até porque as personalidades em jogo são muito mais complexas quando tomadas individualmente. O que se quer é justamente compreender o fenômeno segundo a perspectiva de um comportamento de grupo, associado a um quadro de valores, e em relação ao local escolhido como ponto de encontro.

Num primeiro momento, pode parecer que o estudo se centra na sexualidade dos atores e de seus respectivos processos de construção identitária, pois, movidos por interesses comuns, é no reconhecimento de diferenças ou semelhanças que os indivíduos tendem a procurar grupos relacionais; conseqüentemente, acabam se segregando mutuamente e criando suas próprias regras de convivência. E é com base nessas regras e comportamentos específicos que as fronteiras de coexistência se constroem, se contraem ou se expandem, definindo, dessa forma, a territorialidade do lugar.

Todavia, o que verdadeiramente se almeja é entender quais são os fatores – próprios dos grandes centros urbanos – que interagem e colaboram para que ocorra a ocupação de determinada área por determinado grupo; portanto, a congeneridade sexual é considerada aqui apenas por seu aspecto agregador, sendo provavelmente a única característica comum à maioria dos atores; afinal, se considerados por outros prismas de abordagem, certamente se apresentarão com o mais alto grau de heterogeneidade, impedindo qualquer possibilidade de agrupamento.

Desse modo, as questões que se colocam são as seguintes: por que o grupo x recorre ao espaço y como local de socialização e não ao espaço w , k ou z etc. e por que causas e/ou circunstâncias o espaço y “acolhe” o grupo x ?²

O método empírico de observação e registro das informações obtidas em campo é o preconizado pela etnografia, sendo as técnicas adotadas caracterizadas fundamentalmente por questionários exploratórios e entrevistas iniciais. Quanto à abordagem teórica inicial adotada na interpretação dos dados, pode-se dizer que o estudo é norteado pelos conceitos de estrutura urbana e de ecologia humana, sendo mais precisamente denotado pela idéia de região moral expressa por Park em 1915.³

[...] a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam. A conseqüência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma a outra [...] Por outro lado, essa enorme organização que se

² Também caberia a seguinte questão: é um fenômeno *sui generis* ou é passível de generalização? Isto é, dados determinados fatores, seria possível prever o surgimento de processos de ocupação semelhantes em outros locais com as mesmas características?

³ Esses conceitos foram propostos por Ernest W. Burgess e Robert E. Park, ambos da Escola de Chicago de Sociologia, em textos datados das primeiras décadas do século XX.

erigiu em resposta às necessidades de seus habitantes, uma vez formada, impõe-se a eles como um fato externo bruto, e por seu turno os forma de acordo com o projeto e interesse nela incorporados [PARK, (1915), 1976, p. 29].

Se, por um lado, a divisão geometrizada do plano da cidade sugere sua artificialidade – no sentido de que sua expansão é ou tende a ser projetada e controlada como um quebra-cabeça passível de ser remontado de inúmeras maneiras – por outro lado, entretanto, ao se identificar a expressão concreta de sua organização moral, nota-se que a interação entre sua estrutura física e sua estrutura valorativa gera determinações simultâneas de uma em relação à outra. Contudo, segundo Park (1976), não se trata propriamente de uma relação entre forças eqüitativas, ou seja, a estrutura física da cidade mostra-se muito mais determinante da estrutura moral do que o inverso – entenda-se por estrutura física não apenas a materialidade palpável aos sentidos humanos como ruas, postes, edifícios, carros etc. e, sim, sobretudo, os processos e interesses que criaram não só esses objetos, mas também a necessidade de sua existência.

Para Park (1976), uma interfere na outra – impõem-se limites recíprocos – mas a via de intervenção da determinação social sobre a intersubjetividade social é muito mais forte do que a relação inversa. O indivíduo está muito mais sujeito aos ditames da organização social da grande cidade do que é capaz de interferir e a transformar; entretanto, e não obstante, o indivíduo – ou, por melhor dizer, um grupo de indivíduos – tende a impor suas características ao *habitat*, diferenciando-o relativamente a outros espaços. E, mesmo que os espaços se configurem muito mais por suas inúmeras semelhanças do que por suas assimetrias, o que geralmente se destacam são as diferenças mutuamente reconhecidas por seus usuários, ou seja, o que diferencia as pessoas do “quartelão de cá” em relação às do “quartelão de lá”.

É inevitável que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão [...] devam de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que, dentro da organização que a vida cidadina assume espontaneamente, a população tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e seus temperamentos [PARK, (1915) 1976, p. 64].

Pode-se afirmar que o *autorama* é um espaço urbano que enseja certo tipo de ocupação bastante peculiar, vinculada à construção de identidades alternativas.

I OBSERVAÇÕES DE CAMPO

Considerando que a pesquisa de campo se deu com visitas ao estacionamento – sempre depois das vinte horas do dia – e de entrevistas com

seus frequentadores, passar-se-á à descrição das facetas estruturais observadas nesse grupo.⁴

Desde a primeira ida a campo ficou clara a visibilidade desfrutada por sujeitos muito bem trajados guiando automóveis de luxo ao circularem pelo local, algo confirmado pelas entrevistas e pela percepção da existência de categorias classificatórias subjacentes aos subgrupos dentro do universo maior das relações. Fatores como o modelo e o ano do veículo, local de moradia, educação em nível superior, renda etc., têm um alto grau de relevância na construção do *status social*. O gueto, mesmo caracterizado como pluralista, não está isento de segmentações, tensões e conflitos, como mostraram alguns exemplos de classificações e hierarquizações internas observadas.

1.1 DESCRIÇÃO DAS RUAS DO ESTACIONAMENTO (OS TERRITÓRIOS DENTRO DO TERRITÓRIO)

Na entrada do *autorama*, ao lado da guarita de vigilância da Guarda Metropolitana, nota-se uma aparente ausência de movimentação de veículos ou mesmo de pessoas pelo local; afinal, a topografia do estacionamento se estende em aclive da área interna para a área externa, o que, de grande modo, bloqueia a visão de quem está fora. Pode-se dizer que, devido ao isolamento do estacionamento em relação às áreas internas do parque e ao passeio da Av. Pedro Álvares Cabral, é bem possível que a grande maioria dos transeuntes de passagem não perceba a intensa movimentação que ocorre dentro desse espaço, principalmente ao cair da noite nas sextas-feiras e sábados.

Após a guarita, segue-se invariavelmente pela rua longitudinal direita; esta é a principal rua do *autorama*, pois, tanto para entrar como para sair do estacionamento, é preciso transitar por ela; é também a rua que dá acesso às ruas transversais nas quais as pessoas e automóveis estão parados ou em movimento. Apesar de sua importância ser de ordem geográfica, não deixa de ser também um ponto de encontro entre amigos, desconhecidos e vendedores de bebidas, mas com um fluxo muito menor de pessoas travando relações.

Os primeiros veículos avistados, logo após a entrada, estão estacionados na Rua 1, que é também o local onde ocorre a maioria dos encontros sexuais dentro dos automóveis, talvez por ser a rua menos movimentada do

⁴ Por outro lado, vale salientar que as observações, a pesquisa de noticiário e as entrevistas sugerem – não exagerando o alcance dessa generalização – que tanto a vizinhança residencial circundante quanto a administração do Parque não simpatizam com a presença interativa dos homossexuais no estacionamento ao lado da Bienal. Os motivos são diversos, mas cabe destacar, em primeira ordem, os de caráter moral e amplamente presentes no intrincado discurso desses atores que, se decupado em fragmentos simplificados, pode ser reorganizado e resumido na seguinte asserção: “sexo em praça pública não é de bom tom, caracteriza crime de atentado violento ao pudor e é punível com pena de reclusão; sexo entre indivíduos do mesmo gênero, então, é menos desejável ainda, mesmo que não possa ser combatido direta e ostensivamente, será alvo de constante reprovação e intermitente coibição”. Quanto às idas a campo, essas sempre se deram em noites de sábado para domingo – pois o número de frequentadores é exponencialmente maior nesse dia – e nas seguintes datas: 29/09, 06/10, 20/10 e 27/10/2007.

estacionamento.⁵ Segundo os entrevistados, na maioria das vezes, são encontros entre homens que acabaram de se conhecer, ocorrendo também o sexo entre clientes e michês. Muito embora sejam as duas últimas ruas ainda menos movimentadas, nelas o trânsito de veículos não é permitido e a presença de pessoas é constrangida por uma barreira física...; um cordão de isolamento, posto pelo DETRAN-SP, separa essas ruas das demais.

A Rua 2 é o ponto de encontro dos frequentadores mais antigos, aqueles que já conhecem o *autorama* há mais de dez anos, afirmando alguns frequentar o estacionamento há mais de vinte anos.⁶ São na maioria homens, homossexuais declarados, com mais de quarenta anos, que cursaram o ensino superior, profissionalmente bem sucedidos e economicamente estáveis, solteiros e que, segundo os mesmos, desfrutam do ambiente muito mais como local de encontro entre amigos do que para o flerte sexual.⁷

Outro fator a ser destacado em relação à Rua 2 é a movimentação de pessoas entre essa rua e a Rua 3 ou, dito no linguajar local, entre a Rua do *INSS* e a 5ª Avenida ou *Champs-Elysées*.⁸ Essa circulação segue certos padrões, pois os indivíduos próprios dessas subáreas quase sempre se movimentam em pequenas turmas de três a cinco indivíduos a pé, sua movimentação a bordo de automóveis se dá primordialmente na chegada e não durante a estada no estacionamento. Ao que parece, a circulação ininterrupta de veículos está mais ligada ao flerte sexual entre os que acabam de chegar e os que se masturbam publicamente no fundo do estacionamento, embora também ocorra a circulação de curiosos, de pessoas procurando suas turmas de amigos, de clientes à procura de michês, de supostos usuários e vendedores de drogas, ou mesmo de algum outro fator que talvez tenha escapado às observações de campo.⁹

⁵ Rua 1 ou *Rua do Abatedouro*, designação presente na fala dos entrevistados.

⁶ Rua 2 ou *INSS*.

⁷ Muitos dos entrevistados do *INSS* se mostraram bastante preconceituosos em relação aos acontecimentos comuns à Rua 5, aos travestis e trans-sexuais, ou mesmo ao movimento *gay* organizado, especificamente ao evento anual internacionalmente conhecido como “Parada Gay”. São frequentadores que aparentemente conservam certo grau de conduta ética rígida e intolerância contra outros subgrupos de frequentadores. Dentre os entrevistados nessa sub-área, dois casos se destacam por sua peculiaridade: um dos entrevistados é conhecido como “padre” entre seus colegas, por ser um ex-clérigo da Igreja Católica; outro entrevistado declarou ser ex-missionário da “Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”, mais conhecida como “Igreja Mórmon”, inclusive dizendo ter viajado por mais de um ano pelo Brasil e por outros países fazendo proselitismo religioso.

⁸ Essas denominações (*INSS* e 5ª Avenida ou *Champs-Elysées*) são adscrições terminológicas amplamente utilizadas por seus respectivos públicos frequentadores, não representando, entretanto, qualquer tipo evidente de segregação mútua intransponível entre os mesmos. Ao contrário, mesmo que os frequentadores cultivem certo sentimento de pertencimento em relação a determinadas subáreas e subgrupos – relativamente individualizados – não deixam de circular entre os demais, principalmente os frequentadores mais jovens da 5ª Avenida ou *Champs-Elysées*, que podem ser definidos, entre outras características, como o grupo mais circulante do espaço, pois, além de se concentrarem entre as calçadas da Rua 3 e 4, transitam constantemente entre as outras ruas.

⁹ O *autorama* não é apenas um ponto de encontro, é também um lugar de trânsito pelo qual muitos passam antes e/ou depois da “balada”; o estacionamento é um local muito disputado entre os *promoters* de clubes *gays*: numa

A Rua 3, por sua vez, é a rua mais ocupada do estacionamento, é onde a maioria das pessoas circula ou estaciona seus carros; não por acaso é também o local de concentração de vendedores ambulantes de cerveja, vinho, vodka, cachaca, espetinhos, cachorros-quentes, lanches etc. Apesar das poucas entrevistas realizadas nessa subárea, as observações de campo indicaram que seus freqüentadores são majoritariamente jovens entre dezesseis e vinte e seis anos do sexo masculino. O que não exclui ou contradiz a constatação de ser também a subárea com maior incidência de homossexuais femininas, trans-sexuais e heterossexuais de ambos os sexos.

A Rua 4 é a fronteira entre as Ruas 3 e 5.¹⁰ Sendo que a Rua 5 é a subárea mais liberalizada às práticas sexuais explícitas, mais notadamente à masturbação exibicionista; segundo os entrevistados e outros levantamentos, pode-se supor que outrora tal prática, além de ser mais disseminada nessa sub-área, também se associava à felação e sodomia; todavia, levando-se em consideração que esses freqüentadores se concentram nas duas últimas ruas do estacionamento – Rua 6 e Rua 7, as mais escuras – e que recentemente foram empurrados para a Rua 5, devido ao cordão de isolamento imposto pelo DETRAN-SP, é bem provável que tenham sido coibidos pela nova situação a retraírem seu comportamento usual anterior¹¹ A iluminação, o trânsito mais acentuado de veículos e a própria presença policial impedem que esses freqüentadores mantenham suas condutas anteriores, sendo restringidos a comportamentos menos explícitos.¹²

Por fim, tem-se a rua longitudinal esquerda, que é a outra via de acesso às ruas transversais, assim como a rua longitudinal direita; seu calçamento percorre quase toda a extensão lateral do estacionamento junto à grade, sendo esta a separação física entre o mesmo e o passeio público da Av. Pedro Álvares Cabral. Por estar na parte mais alta e iluminada não chega a ser uma rua convidativa ao encontro sexual, sendo relegada ao uso como latrina; tendo em vista que o consumo de bebidas é notório entre os inúmeros freqüentadores, que não existem sanitários no interior do estacionamento ou mesmo nas proximidades e que os banheiros do Parque são vedados ao uso após o horário de fechamento, seria de se esperar que algum ponto do estacionamento fosse utilizado para esse fim.

única noite foi possível reunir mais de vinte folhetos diferentes de divulgação de eventos voltados para o público homossexual.

¹⁰ Ou fronteira entre a 5ª Avenida/Champs-Élysées e a Feira do Cú. Vale ressaltar que os nomes aqui usados na classificação de cada uma das ruas ou subáreas do estacionamento são provenientes do próprio vocabulário corrente entre os usuários noturnos; portanto, visando respeitar os códigos negociados e amplamente empregados no local, optou-se por reproduzi-los sem melindres eufemísticos.

¹¹ Por meio do site de pesquisas Google é possível encontrar diversas produções pornográficas em vídeo, filmadas no interior de automóveis ou junto à grade na parte mais erma do estacionamento: as ruas 6 e 7 antes do isolamento pelo DETRAN-SP.

¹² Se tal circunstância se configura em situação transitória ou perene é algo que somente será passível de verificação depois de transcorrido mais algum tempo de observação.

Não obstante, o ato de urinar em público parece gerar algum tipo de fetiche capaz de estimular um ou mais freqüentadores a assediar visualmente quem urina, algo que, apesar de não incorrer em abordagens verbais explícitas, acontece sem quaisquer sutilezas. Porém, se não houver correspondência de interesses, volta-se cada qual para o ponto de onde veio. Mais precisamente, não se constatou durante as observações à distância que tal episódio se desdobre em encontro sexual ou de qualquer outra ordem; ao contrário, o anonimato dos indivíduos parece ser importante na relação fetiche em questão, tanto para quem observa quanto para quem se deixa observar. A maioria dos indivíduos propensos a se deixarem observar são aqueles que não fazem questão de se ocultar atrás de árvores ou postes: apenas se viram de costas para a rua em que estão. Já os indivíduos interessados em olhar não escondem sua intenção à medida que se aproximarem sorrateiramente, fixando a vista nos que urinam. Talvez seja uma manifestação atenuada do comportamento sexual mais explícito recorrente à Rua 5, mas como esses indivíduos não foram entrevistados confirmando se também são freqüentadores da rua supra, apenas supõe-se a existência de identidades comportamentais correlatas.

Duas questões se impuseram paralelamente às observações: a existência de tráfico de drogas e a de pedofilia no local. Em princípio, poderiam ser compreendidas como simultânea causa e efeito do ajuntamento de pessoas; isto é, tanto uma quanto a outra poderiam assumir o caráter causal da presença de certos indivíduos à procura de sexo com menores de idade e/ou consumo de drogas, como também poderiam ser entendidas como efeitos da aglomeração humana em um espaço de socialização sem regras rígidas de conduta ou repressão institucional severa. Pareceu ser bastante difícil verificá-las em campo; no entanto e inesperadamente, concomitante à segunda visita, ocorreu a apreensão de uma grande quantidade de cocaína e de munição para arma de fogo, resultado de uma diligência policial que, em si, comprovou ao menos a ocorrência de tráfico de entorpecentes no local.¹³

Quanto à pedofilia ou prostituição infantil, inúmeras informações positivas foram prestadas por muitos dos entrevistados, porém, não houve oportunidade de comprová-las diretamente em campo; tudo que se pode dizer no momento sobre o assunto é que adolescentes com menos de dezoto anos de idade freqüentam o *autorama*, fato comprovado pelos depoentes que reconheceram ser menores de idade. Mas se esses se prostituem ou se relacionam sexualmente com homens maiores de idade, são informações difíceis de serem obtidas a partir das poucas visitas empreendidas; talvez

¹³ Pode-se afirmar, sem exagero, que se existe uma sub-área vinculada ao tráfico e consumo de drogas, tratar-se-á da Rua 5, devido ao pronunciado consumo de maconha nessa rua e pela apreensão de cocaína e munição na mencionada diligência de busca e apreensão efetuada pela polícia militar na madrugada do dia 7 de outubro de 2007 (36º D. P. Vila Mariana: Boletim de Ocorrência e Auto de Exibição e Apreensão nº 7201/2007).

uma pesquisa mais prolongada e capaz de criar laços de confiança mais sólidos entre o pesquisador e os pesquisados possa permitir responder a essa questão.

1.2 O ESTACIONAMENTO GAY E A ESTRUTURA DA CIDADE

Indaga-se como é possível um estacionamento se tornar espaço de socialização homossexual, uma vez que existem tantos outros lugares na cidade que aparentemente são tão ou mais atraentes do que um mero terreno asfaltado. No que ainda diz respeito à importância de territórios homoeróticos para a formação das personalidades individuais – ou de identidades coletivas – pode-se colocar outra questão: será a ocupação do *autorama* resultante de um tipo de fuga de outros lugares caracterizados como opressores e preconceituosos, inevitavelmente experimentados pelos homossexuais na metrópole paulistana?

Talvez sim, talvez não. A complexidade de uma resposta plausível ultrapassa o alcance da própria questão; no entanto, não se furtando ao compromisso de ao menos apontar para uma direção, pode-se dizer que sim: o *autorama* realmente é um daqueles lugares (vistos na literatura sobre o tema – é preciso lembrar Fry (1982), Humphrey (1970), Perlongher (2005)) onde os indivíduos encontram parte essencial do processo de formação identitária, seja por permitirem um comportamento que esteja mais de acordo com suas aspirações ou simplesmente por imbuí-los de força e apoio para a auto-aceitação. Contudo, a simplicidade dessa formulação poderia conduzir a um beco sem saída, pois enseja simultaneamente a afirmação de que os homossexuais freqüentam o estacionamento para socializarem porque é um local consentido para esse proveito desde há muito tempo ou que o mesmo é uma área de socialização homossexual porque é freqüentado por homossexuais há muitos anos, ou seja, nada se acrescenta!

O que carece de elucidação não são tão somente as causas ou motivos do processo de ocupação desse local – situado naquilo que aqui se chama de interstício urbano, de pequeno espaço entre as partes de um todo ou entre duas áreas contíguas; ou seja, o diminuto estacionamento anexo ao “verde” insular que, por sua vez, é rodeado por todos os lados pela paisagem densamente urbana – mas, sim, o processo em si próprio. Uma vez desencadeada a sucessão de eventos, pouco resta a perseguir se não a lógica inerente à profusão de relações em relevo. Nesse sentido, destaca-se a existência de certa afinidade entre inúmeros depoimentos colhidos em campo, pois todos dão a entender que a segregação relativa entre a área do Parque e as áreas circunvizinhas sempre foi um fator mais que contribuinte para o processo gradativo de ocupação do estacionamento ao lado da Bienal e que,

independentemente das circunstâncias motivadoras passadas ou presentes, o estacionamento inspira certo ar de liberdade associado a um sentimento de segurança.¹⁴

Talvez, a sensação de segurança seja decorrente das próprias características físicas do local que impedem, por exemplo, o contato direto com grupos homofóbicos; por outro lado, essas mesmas características físicas garantem um *quantum* de liberdade para pequenas transgressões públicas que jamais seriam toleradas em outros locais da cidade.

Pois, nesse caso, a idéia de liberdade torna-se implicitamente sinônima de acesso facilitado por uma ampla rede de ruas e avenidas que atravessam a cidade de São Paulo de uma extremidade à outra, de separação das áreas residências circundantes pela vegetação do Parque que exerce a função de biombo natural e de relativa ausência – ou presença não ostensiva – dos aparatos institucionais de controle social, sejam estes representados pela família e pela religião, por exemplo, ou concretamente constituídos e exteriores ao indivíduo, como a administração do Parque, a Prefeitura da cidade ou a corporação policial, por exemplo.

É-se levado a crer que as confluências dessas três características e as aparentes paridades de importância entre elas indicam que a ausência ou parcialidade de qualquer uma delas impediria o surgimento de um território como o *autorama*. Claro que isso também afetaria a continuidade da existência do mesmo. O que se quer dizer é que, uma vez sublimada ou alterada qualquer uma dessas características, o estacionamento *gay* tenderia a deixar de existir, visto que, sem o biombo natural, o contato visual com a vizinhança se concretizaria e acirraria o conflito, sem algumas das principais vias de trânsito o acesso se limitaria, dificultando a presença daqueles que usam o transporte coletivo ou mesmo daqueles que moram nas regiões mais periféricas da cidade e, por fim, sem a localidade privilegiada – o Ibirapuera está quase no centro da grande mancha urbana que se estende sobre São Paulo e cidades vizinhas – não apenas o acesso seria prejudicado como também a rede de serviços que circundam o Parque e que, de certo modo, beneficia os frequentadores do estacionamento.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Daqui por diante tratar-se-á, apesar das formulações serem demasiadamente sucintas para uma ampla exposição do fenômeno, da dinâmica de interação das forças entre indivíduos, grupos e instituições em jogo no local

¹⁴ *Segregação*: rubrica sociológica – “Processo de dissociação mediante o qual indivíduos e grupos perdem o contato físico e social com outros indivíduos e grupos. Essa separação ou distância social e física é oriunda de fatores biológicos e sociais: raça, riqueza, educação, religião, profissão, nacionalidade” (fonte: WILLEMS, 1950).

considerado. A hipótese pode ser melhor expressa e entendida em função da seguinte abordagem: os fatores que acarretam a alteração de uma determinada norma ou ordenamento socialmente estabelecido, dão provavelmente origem a um novo arranjo, a uma reacomodação das regras e condutas para um espaço físico dado.

Examinando as acepções de arranjo e reacomodação, é-se levado a identificar qual é o elemento motriz dos acontecimentos. Caso o objeto pudesse ser ilustrado por um conjunto de esferas magnéticas, seria absolutamente simples perceber que a aplicação de uma energia exterior – um impacto, por exemplo – bastaria para desestabilizar a inércia do sistema. Imediatamente após o impacto as esferas tenderiam a se reagrupar em função do próprio magnetismo intrínseco a cada uma delas, a configuração visual provavelmente seria diferente da anterior, mas a estabilidade voltaria a atuar sobre o conjunto.

O objeto desta investigação comporta-se, conceitualmente, como esse modelo físico mecânico, porém, com especificidades que lhe são genuínas; afinal, seria absurdo admitir que a radiação eletromagnética define estados de propensão atrativa ou repulsiva entre fatores humanos, sejam estes representados por indivíduos, grupos de indivíduos ou instituições. Apenas se toma de empréstimo esse exemplo enquanto ilustração de uma possibilidade real de afinidades eletivas entre determinadas características urbano geográficas e determinados comportamentos humanos.

No caso da ocupação de espaços públicos, à semelhança do *autorama*, pode-se dizer que a energia que age sobre os fatores humanos concorrentes é o conflito. Não tão somente como algo desagregador, recorrente à compreensão comum do termo; pelo contrário, é por meio do conflito que o sistema atinge o equilíbrio. Determinados interesses de determinados grupos podem, quando confrontados, expressar uma contradição mútua, uma complementação de interesses, ou mesmo uma anulação de forças; resta-nos especificar quais são as partes envolvidas. Quanto ao *autorama*, podem-se destacar essencialmente três instâncias sociais de atuação e de interesse pelo estacionamento.

Primeiro, a administração do Parque, a Prefeitura da cidade de São Paulo e a corporação policial (polícia civil e militar). Segundo, a vizinhança residencial, com interesses convergentes em relação ao uso do Parque e de suas áreas anexas, somada àqueles (outros usuários do Ibirapuera) que se sentem afetados pela presença e pelo comportamento dos homossexuais. Certamente é imprescindível qualificar esse grupo em categorias mais específicas, por exemplo, os que são a favor e os que são contra a ocupação; no entanto, sublima-se essa diferença fundamental por aceitar que, no caso da vizinhança, trata-se de uma instância razoavelmente homogênea e con-

trária a ocupação do estacionamento.¹⁵ Terceiro, os homossexuais (e simpatizantes), que utilizam o lugar como local de socialização.

Vale lembrar que, mesmo dentro de um grupo unificado por interesses em comum, existem divergências, pessoas ou subgrupos internos não totalmente alinhados com todas ou a maioria das diretrizes comportamentais e valorativas que identificam o grupo como sendo deste ou daquele tipo. Se aqui os freqüentadores do *autorama* são apresentados como um grupo, é somente porque se adotam duas características como fundamentais: ser homossexual (ou simpatizante) e freqüentador noturno do estacionamento em questão.

Apesar de as contradições internas tenderem a declinar a força de atuação dos homossexuais no Ibirapuera, toma-se como certo que a dissidência é sobrepujada pela maioria e não tem, neste caso, força suficiente para interferir nas demandas desse grupo; posto desse modo pode parecer que a mobilização interna é fator suficiente para aumentar sua capacidade de atuação; contudo, mesmo que as contradições e rivalidades internas fossem superadas, isso não implicaria necessariamente um aumento substancial na força de atuação. O aumento da mobilização organizacional não é causa primeira de qualquer respectivo aumento de força; um único indivíduo – um juiz, delegado ou empresário que more nas redondezas, por exemplo – pode dispor de uma força muito maior que a articulação interna do grupo. A força de atuação não se define apenas pela mobilização organizacional, envolve também os papéis políticos e macroeconômicos desempenhados pelos agentes.

Visto que o caso específico não gerou, no passado e até certo ponto no presente, uma situação conflituosa desagregadora em todos os seus graus de existência, o que então tem possibilitado o respectivo grau de equilíbrio, de tolerância por parte da administração do Parque, da Prefeitura, da polícia e da vizinhança em relação ao reduto *gay*?¹⁶ Apesar de a situação remeter a um estado de tensão constante, verifica-se que alguns arranjos se formaram no interior da estrutura de relações sociais em jogo e assim sustentam a continuidade do processo. Essas regras mínimas parecem se fundir sempre a partir das proibições, das interdições de condutas e comportamentos tidos

¹⁵ Aparentemente, a repulsa contra os homossexuais se processa, também, para além dos limites morais para eles definidos, estendendo-se sobremaneira a acontecimentos geralmente associados à aglomeração humana. Alude-se aqui ao tráfico e consumo de drogas, bebidas, permanência de infantes em espaços alijados de conduta ética, prostituição, assaltos etc. O que ocorre, então, e de certo modo, é uma associação entre homossexualidade e criminalidade: os veículos de disseminação dessa idéia são bastante variados, passando desde o mexerico entre vizinhos até as reportagens em jornais, revistas e televisão.

¹⁶ A Prefeitura de São Paulo tarifou os estacionamentos do Parque Ibirapuera ao convertê-los em “zona azul” e, desde que houve o reaparelhamento das ruas do estacionamento, todos os pontos fixos de comércio informal (*trailers*) foram removidos por tempo indeterminado, assim como também têm aumentado as rondas e batidas policiais. Até que ponto essas medidas interferem na dinâmica local ainda é difícil de apreender.

como inaceitáveis até mesmo pelos próprios membros do grupo ao qual estão ligadas.¹⁷ No *autorama*, constatou-se que ao longo dos anos esses mínimos sociais avançaram muito em favor dos homossexuais, talvez pelo baixo interesse das outras instâncias pelo local.¹⁸

Nota-se claramente que os limites de conduta se estabelecem, também, na organização e segregação interna do próprio grupo de frequentadores; como dito antes, apenas foram considerados homogêneos para efeito analítico, pois em seu interior foram identificados outros processos de separação e classificação em constante conflito.

É certo que os argumentos apresentados neste breve ensaio preliminar carecem ainda de substancialização teórica maior e não esgotam a elucidação do problema; entretanto, suscitam a possibilidade de que qualquer perímetro que conte com características físicas similares a do objeto examinado (e estando dentro de uma grande metrópole) possa ser reestruturado, ter sua finalidade original alterada ou subvertida numa configuração nova e completamente diferente. Os motivos ou causas que levam determinado grupo a se interessar por determinado interstício físico urbano em detrimento de outro é algo bastante difícil de ser reconstruído teoricamente; ainda assim, isso não impede de indagar e buscar respostas. Entre outras questões possíveis cabem as seguintes: Como e onde o processo acontece ou pode acontecer? Quais as interações entre os atores envolvidos? Como essa relação estrutural, regulamenta e organiza funcionalmente a nova situação?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2001.
- EUFRÁSIO, Mário A. *Estrutura urbana e ecologia humana*: a Escola Sociológica de Chicago (1915-1940). São Paulo: Editora 34, 1999.
- FRY, P. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: *Para inglês ver*: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HUMPHREY, L. A transação da sala de chá: sexo impessoal em lugares públicos. In: RILEY, M. W.; NELSON, E. E. *A observação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio ambiente urbano. In: VELHO, G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. Cap. 2, p. 26-67. Publicado originalmente no *American Journal of Sociology*, n. 20, p. 577-612, mar. 1915.

¹⁷ Muitos dos entrevistados disseram ser um abuso inaceitável o encontro sexual nas calçadas escuras do bairro vizinho (Jd. Lusitânia), mesmo que seja dentro de um automóvel; dando a entender que seria fundamental o respeito aos “limites” do Ibirapuera.

¹⁸ Termo tomado de empréstimo do estudo de Antonio Candido sobre os “parceiros” (fazenda Bela Aliança, Bofete - SP, por volta de 1950) e adaptado às particularidades do exame aqui empreendido (CANDIDO; 2001).

PARK, R. E.; BURGESS, E. W. Competição. Cap. 8, p. 504-512.; Conflito. Cap. 9, p. 574-579; Acomodação. Cap. 10, p. 663-671; Assimilação. Cap. 11, p. 734-740. In: —. *Introduction to the Science of Sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1921. [Tradução de Mário A. Eufrasio - Apostilado].

PERLONGHER, N. Territórios marginais. In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. *Homossexualismo em São Paulo*. São Paulo: UNESP, 2005.

WILLEMS, E. *Dicionário de Sociologia*. Porto Alegre: Globo, 1950.

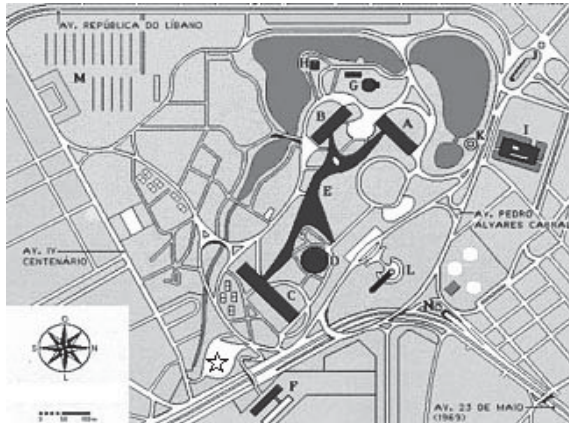
ANEXOS

Vista aérea do estacionamento [a entrada está indicada pela seta].



Fonte: *Google Earth*.

Mapa do Parque Ibirapuera.



Fonte: *site da Prefeitura de São Paulo*.

- | | |
|--------------------------------|--|
| A - Pavilhão Manoel da Nóbrega | H - Pavilhão Japonês |
| B – PRODAM | I - Assembléia Legislativa |
| C – Bial | J - Monumento às Bandeiras |
| D – OCA | K - Homenagem a Pedro Álvares Cabral |
| E - Grande Marquise / MAM-SP | L - Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 1932 |
| F – DETRAN | M - Viveiro Manequinho Lopes |
| G – Planetário | N - Monumento Ayrton Senna |

Observação: a estrela [☆] marca a localização exata do estacionamento.